



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA – CESP
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA E HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA EVANGELISTA GOMES SOUSA

**O NEGRO NA LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS NO CONTO
PAI CONTRA MÃE**

Presidente Dutra – MA

2022

MARIA EVANGELISTA GOMES SOUSA

**O NEGRO NA LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS NO CONTO
PAI CONTRA MÃE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador (a): Douglas Rodrigues de Sousa

Sousa, Maria Evangelista Gomes.

O negro na literatura de Machado de Assis no conto Pai contra mãe / Maria Evangelista Gomes Sousa. – Presidente Dutra, MA, 2022.

... f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Rodrigues de Sousa.

1.Machado de Assis. 2.Pai contra mãe. 3.Negro - Literatura. I.Título.

CDU: 821.134.3(81).09

MARIA EVANGELISTA GOMES SOUSA

**O NEGRO NA LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS NO CONTO
PAI CONTRA MÃE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovada em 22/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Douglas Rodrigues de Sousa
Orientador – UEMA

Jonh Jefferson do Nascimento Alves

Rhusily Reges da Silva Lira

Este trabalho é dedicado a Deus e à
minha família, pessoas que foram
essenciais para que eu o conseguisse
concluir com êxito.

AGRADECIMENTO

Para todos os negros que fizeram e fazem das suas vidas, uma luta eterna pela conquista da igualdade entre os seres humanos.

A Deus, por nos ter concedido, através de sua bondade infinita, o potencial de concretizar mais uma conquista em nossa vida.

Aos meus colegas e amigos do coração que foram um apoio essencial para concluir este trabalho com êxito.

Minha eterna e mais sincera gratidão a todos os professores que, de muitas formas, contribuíram para a conclusão deste trabalho e minha formação acadêmica.

*“Aqueles que se sentem satisfeitos
sentam-se e nada fazem. Os insatisfeitos
são os únicos benfeitores do mundo”.*

Walter S. Lando

Resumo

O presente trabalho desenvolve uma leitura de "Pai contra mãe", dando destaque à representação social do negro na literatura brasileira sobre a visão machadiana. Primeiramente buscaremos através de uma análise, mais significativa e atenta, despertar a criticidade do leitor ao modo como o negro é representado no Brasil e sua participação na literatura, destaca-se no contexto a relação ao tratamento, tanto do autor como da sociedade daquele período, no tocante ao negro, objeto de nossa análise iremos abordar a forma fria, cruel e desumana de como os negros eram tratados pela sociedade do final do século XIX. A narrativa proporciona ao leitor perceber uma das formas mais grotescas de se manter o poder sobre o outro, através da opressão e dos costumes da sociedade da época, mostrados pelo autor, que nos surpreende ao revelar ser um estudioso da alma e do comportamento humano, este bem visível nas atitudes das personagens beirando a situações de extremo. Apesar de o conto ter sido escrito no século XIX, a leitura do mesmo, nos faz repensar sobre sua temática tão atual, uma vez que, o negro, hoje, ainda luta por uma representação mais significativa de si e de sua cultura, dentro de uma sociedade ainda excludente e preconceituosa do século XXI.

Palavra-Chave: Pai contra Mãe. Machado de Assis. O negro na literatura.

Abstract

The present work develops a reading of "Father against mother", highlighting the social representation of black people in Brazilian literature on Machado's vision. First, we will seek, through an analysis, more meaningful and attentive, to awaken the criticism of the reader to the way black people are represented in Brazil and their participation in the literature, in the context the relation to the treatment of both the author and the society of that period stands out, with regard to blacks, the object of our analysis, we will abort the cold, cruel and inhumane way in which blacks were treated by society in the late 19th century. The narrative allows the reader to perceive one of the most grotesque ways of maintaining power over the other, through the oppression and customs of the society of the time, shown by the author, who surprises us by revealing that he is a student of the soul and human behavior, this is very visible in the characters' attitudes bordering on extreme situations. Although the story was written in the 19th century, reading it makes us rethink about its current theme, since black people today still struggle for a more significant representation of themselves and their culture, within a still exclusionary and prejudiced society of the 21st century.

Keywords: Father against Mother. Machado de Assis. Black in Literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. TRAJETÓRIA DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA.....	11
2.1 As Performances Do Negro No Realismo	15
3 O NEGRO NA VISÃO MACHADIANA	20
3.1 O contexto histórico do conto pai contra mãe	23
3.2 A escravidão e os instrumentos de tortura no conto pai contra mãe.....	27
3.3 A representatividade do negro no conto machadiano pai contra mãe	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

A escravidão é o nexó fundamental para pensar a literatura brasileira do século XIX. É uma das maiores marcas de opressão, tortura e maltrato que o Brasil carrega até hoje na sua história. Por isso, o presente trabalho terá como ponto de partida a escravidão, transcrita por Machado de Assis, um dos escritores brasileiros que evidenciou em suas obras esse fato da realidade social e da condição humana do sujeito negro de sua época. Assim, mostra-se, também, as transformações que a literatura brasileira sofreu e como Machado de Assis se consolidou como escritor no Romantismo, atingindo, em seguida, o ápice de sua escrita e obra na estética realista.

O objetivo desta monografia é promover uma leitura do conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, a fim de demonstrar, na organização estrutural e temática do conto, a violência cíclica como prática institucionalizada na sociedade escravista dos oitocentos. O referido conto foi publicado no volume intitulado *Relíquias de Casa Velha*, que veio a público em 1906. Segundo o autor, constituído de “ideias, histórias, críticas, diálogos” – inéditos ou já publicados. No prefácio, Machado assim apresenta o volume: “uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu” (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 658), de modo a explicar as metáforas criadas – “casa” e “relíquias” – compondo uma alegoria da produção ficcional.

As obras de Machado de Assis são uma representação fiel e inovadora da realidade brasileira do século XIX. O que torna o ficcionista um historiador de grandes temas históricos e faz com que a sua ficção transcenda os limites da literatura e abarque o conhecimento acadêmico e científico na área das ciências humanas, possibilitando, dessa maneira, um diálogo estreito entre história, literatura e sociedade. Assim, o local e o global, tanto no escritor quando na sua obra, se encontram e se chocam continuamente, como acontece em grandes momentos de transição. É o que veremos na obra *Pai contra mãe*, em que o passado e o presente se cruzam, formando figuras de diferença e identidade.

O conto *Pai contra mãe* (1906) traz a história de um caçador de escravos fugidos que, para ter dinheiro e poder cuidar de seu filho recém-nascido, captura uma escrava fugida e a devolve ao seu senhor, ocasião em que ela – que estava grávida –

aborta. O tema é pungente, mas o conto vai além dessa narrativa dolorosa. Sua primeira parte traz uma descrição minuciosa, quase jornalística, dos "ofícios e aparelhos" que existam no tempo da escravidão, isto é, o modo e as ferramentas para torturar os "escravos fujões". Machado de Assis, desse modo, escreveu: "Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres", contra o vício da embriaguez.

O trabalho utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica e a leitura qualitativa. A monografia tem a seguinte estruturação: o primeiro capítulo mostrará o período colonial e a escravidão negra no Brasil, bem como analisará o sistema literário brasileiro, contexto em que Machado de Assis trouxe a proposta de uma nova literatura nacional, e, por fim, será feita a análise do conto machadiano Pai contra mãe.

2. TRAJETÓRIA DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

A história do negro brasileiro não teve início com o tráfico de escravos. É uma história bem mais antiga, anterior à escravidão nas Américas, à vida de cativo no Brasil. Trata-se de uma saga que se cruza com a aventura dos navegadores europeus, principalmente os portugueses, e com a formação do Brasil como país. Conhecer a história dos negros é aprender a história do Brasil.

A trajetória do negro continuamente é analisada de forma superficial sobre a sua participação afetiva e sua história no país, relatando apenas os períodos ligados à questão da escravidão até o processo de abolição. A literatura nacional mostra a discriminação sofrida pelo negro de forma bem mais contundente, a figura do negro, pelo contrário, é exposta de forma rarefeita e opaca, estabelece-se uma relação de abandono histórico do personagem negro.

A representação do negro na literatura brasileira reforça diversos estereótipos nas obras, o que traz uma deslealdade a essa parcela da sociedade. A presença de personagens negros na literatura, quando há, dá-se, na maioria das vezes, em papéis secundários de coadjuvantes ou de vilões. Representantes negros no protagonismo não são muito encontrados e, quando são, estão quase sempre presos a ambientes predeterminados.

O negro aparece na literatura brasileira muito mais como tema do que como voz autoral. Assim, a maioria das produções literárias brasileiras retrata personagens negras a partir de pontos de vista que evidenciam estereótipos da estética branca dominante, eurocêntrica. Trata-se de uma produção literária escrita majoritariamente por autores brancos, em que o negro é objeto de uma literatura reafirmada a de estigmas raciais.

As primeiras referências à figura do negro, na Literatura Brasileira, encontram-se presentes em relatos escritos por nomes como José de Anchieta – que escreveu a obra “Informações dos primeiros aldeamentos” (1584) – e Gabriel Soares de Sousa, autor de “Diálogos das grandezas do Brasil” (1618), como assinala Sayers:

(...) em sua [de José de Anchieta] obra Informação dos Primeiros Aldeamentos, publicada em 1584, faz o que se pode dizer a primeira referência a uma rebelião de escravos. Foi debelada com a ajuda dos índios com cuja assistência se podia sempre contar na captura dos negros fugidos e na sua devolução aos proprietários. Se não chegou em nenhum dos seus escritos a condenar a escravidão negra, preocupou-se com a salvação de suas almas. É o primeiro escritor a criticar os senhores que não permitiam aos negros levar vida de cristão (...).

(...). Os negros interessavam tão-somente pelo seu valor econômico ou pelo seu pitoresco. São alimentados com milho, como os cavalos e outros animais, e têm uma desordenada propensão pelas bananas – como hoje em dia se afirmar com relação aos macacos. São geralmente cobertos de uma espécie de piolho, proveniente da vida imunda que levam, piolho que também se encontrava entre os brancos pobres. Quanto ao mais, Gabriel Soares de Sousa nada tem que dizer sobre o negro, e, embora tome conhecimento de particularidades que escapam a Anchieta, pode-se afirmar que ele falhou no considerar o negro como objeto digno de observação.

Observam-se, pois, as diferentes visões apresentadas pelos escritores: enquanto José de Anchieta apresentava uma postura de preocupação com os negros, embora não condenasse a escravidão, Gabriel Soares de Sousa apresenta o africano sob um viés animalesco, ao compará-lo a cavalos e outros animais, limitando-o a mero objeto de observação.

O sistema escravocrata, que perdurou, no Brasil, do século XVI ao XIX, passou por diversas fases, que estiveram atreladas aos diferentes ciclos econômicos (cana-de-açúcar, fumo, ouro, diamantes, algodão, especiarias e café) e, com isso, diferentes tipos de escravos aportaram no país, fato este que irá influenciar na representação do negro na literatura nacional.

O século XIX será de fundamental importância para a ampliação da representação do negro na Literatura devido a fatores como a emergência do nacionalismo literário, a gradativa importância do africano para o processo de Abolição, além da pressão de países estrangeiros, como a Inglaterra, para o fim da servidão, e o aparecimento de autores que vão lançar novos olhares para a condição do cativo.

A literatura do negro surge também em obras como as do irônico Luís Gama (1850-1882), nascido de mãe negra livre e pai branco, foi um abolicionista, orador, jornalista, escritor brasileiro e o Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil; outro exemplo são as de Lima Barreto (1881-1922), jornalista e escritor brasileiro, que publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos,

principalmente em revistas populares ilustradas e periódicos anarquistas do início do século XX.

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente, a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força por volta dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. Assim, percebe-se que pouco a pouco, escritores negros e descendentes de negros começam a manifestar em seus escritos o comprometimento com a etnia.

Importante marco para a consolidação da literatura negra no Brasil foi o surgimento dos Cadernos Negros, coletânea de poesia e prosa, lançados pela primeira vez em 1978. Nascidos do Movimento Negro Unificado contra Discriminação Racial – que depois tornou-se simplesmente MNU (Movimento Negro Unificado), um dos vários instrumentos sociais de engajamento político da época. Os Cadernos surgiram principalmente em prol de um auto reconhecimento, conscientização política e luta para que a população negra tivesse acesso à educação e aos bens culturais.

Esse espaço também propiciou uma ebulição de textos, atos e atitudes literárias no universo da poética negra brasileira daquele período. A primeira edição, formatada em tamanho bolso e custeada pelos oito poetas - Ângela Lopes Galvão, Eduardo de Oliveira, Henrique Cunha, Hugo Ferreira, Célia Pereira, Jamu Minka, Oswaldo de Camargo e Cuti - que nela figuravam, recebeu um grande lançamento, circulando em algumas poucas livrarias e de mão em mão.

Sobre o ano de 1978, a ensaísta Moema Parente Augel tece o seguinte comentário:

1978 foi um ano decisivo para o Brasil, envolto nas trevas da ditadura. Começou a delinear-se uma certa abertura política e, entre os muitos acontecimentos marcantes, deu-se também a fundação do Movimento Negro Unificado, na esteira do qual muito em breve se verificou uma extraordinária multiplicação de grupos negros em todo o Brasil, com os mais diversos e diferenciados objetivos, desde agrupamentos com fins políticos a agremiações culturais ou sociais (AUGEL, 2010, p. 157).

Marco incontornável dessa história que une literatura e movimento social negro é o surgimento da série Cadernos Negros, dando início ao fim do isolamento que determinou as gerações anteriores.

Ainda segundo Alves (2002), essas atitudes e iniciativas dos intelectuais ligados aos Cadernos Negros contribuíram para a chamada “desconstrução” da tradição literária – compreendida como masculina, branca e cristã. Hoje, 42 anos após a primeira publicação, os Cadernos representam o mais expressivo veículo da literatura negra produzida no Brasil. É desse modo que eles cumprem com o seu papel de denúncia, protesto e, sobretudo, de divulgação de vozes negras silenciadas pelo cânone brasileiro.

O prefácio-manifesto (SOUZA, p. 105), de estreia de Cadernos Negros, coloca-nos a par da intensidade da época:

A África está se libertando! Já dizia Bélsiva, um dos nossos velhos poetas. E nós brasileiros de origem africana, como estamos? Estaremos no limiar de um novo tempo. Tempo de África vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das ideias que nos enfraquecem e que só querem nos dominar. ‘Cadernos Negros’ marca passos decisivos para nossa valorização e resulta de nossa vigilância contra as ideias que nos confundem, nos enfraquecem e nos sufocam. As diferenças de estilo, concepções de literatura, forma, nada disso pode mais ser muro erguido entre aqueles que encontram na poesia um meio de expressão negra. Aqui se trata da legítima defesa dos valores do povo negro. A poesia como verdade, testemunha do nosso tempo. Neste 1980, 90 anos pós-abolição – esse conto do vigário que nos pregaram – brotaram em nossa comunidade novas iniciativas de conscientização, e ‘Cadernos Negros’ surge como mais um sinal desse tempo de África consciência e ação para uma vida melhor, e nesse sentido, fazemos da negritude, aqui posta em poesia, parte da luta contra a exploração social em todos os níveis, na qual somos atingidos. ‘Cadernos Negros’ é viva imagem da África em nosso continente, é a diáspora negra dizendo que sobreviveu e sobreviverá, superando as cicatrizes que assolaram sua dramática trajetória, trazendo em suas mãos o livro. Essa coletânea reúne oito poetas, e a maioria deles da geração que durante os anos 60 descobriu suas raízes negríssimas. O trabalho para a consciência negra vem de muito antes. Por isso, ‘Cadernos Negros’ 1 reúne também irmãos que estão na luta há muito tempo. Hoje nos juntamos como companheiros nesse trabalho de levar adiante as sementes da consciência para a verdadeira democracia racial. 25 de novembro de 1978. (ALVES, 2012, p. 222)

Enfatizando o processo de conscientização da identidade negra, através do poema elevar a autoestima negra, referenciar suas raízes africanas, a poesia engajada

como observadora das relações raciais.

Com esse movimento, renascia uma “nova ideia de liberdade” propagada pela literatura negra brasileira através de um conjunto de intenções, significados, símbolos, padrões estéticos, visões de mundo. É importante lembrar que o termo negro, aqui, não designa necessariamente a cor epidérmica de alguém. Trata-se, de acordo com Alves (2002), de um termo historicamente concebido como pejorativo, utilizado principalmente no período da escravidão para diminuir e inferiorizar. Justamente por isso, a autor defende o uso da expressão “literatura negra” como um modo de ressignificar o termo. Além disso, Alves (2002) não se refere apenas à “inversão” do sentido negativo do termo negro, mas também ao “modo de olhar o brasileiro negro, tirando a máscara da invisibilidade” (ALVES, 2002, p. 235).

A geração de Cadernos Negros é paradigmática por apresentar uma postura de enfrentamento ao racismo, de denúncia à discriminação racial, de combate ao embranquecimento dos negros, de desvelar os ardis da história oficial, de valorizar as religiões de matriz africana, de incorporar o léxico dos falares africanos e as gírias dos negros das cidades no texto literário, de dizer abertamente que o Brasil é um país racista.

Neste contexto, a representação do negro ganha outros contornos. Na poesia, Luiz Gama refuta a herança europeia e se proclama “Orfeu de Carapinha”, a clamar pela “Musa da Guiné” ou “de azeviche”. Parte em seguida para a desconstrução da pretensa superioridade branca, em poemas famosos como “A bodarrada” e outros. No mesmo momento em que o poeta lançava suas impertinentes trovas burlescas, Maria Firmina dos Reis publicava em São Luís do Maranhão o romance Úrsula, em que coloca o negro como referência moral da narrativa. E, nesse momento, a ficção ganha contornos fortemente realistas devido à semelhança com relatos memorialísticos.

Por este painel sucinto, pode-se aquilatar o peso da diferença produzida pela literatura de autoria afrodescendente, que hoje se afirma cada vez mais.

2.1 As Performances Do Negro No Realismo

Seguindo de perto as tendências do Realismo na França e em Portugal, os escritores brasileiros fizeram da literatura uma forma de análise da realidade brasileira.

Na década de 1881, diferentemente do que acontecia na Europa, o Brasil não vivia o processo do desenvolvimento industrial. Éramos ainda um país essencialmente agrário, além de monarquista e escravocrata. Apesar dos crescentes movimentos liberais, só nos últimos anos dessa década ocorreriam o fim da escravidão e a proclamação da república.

O Realismo no Brasil teve o seu início, oficialmente, em 1881, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de seu mais célebre autor, Machado de Assis. O Realismo foi um movimento antiburguês, que denunciava as falsas bases que sustentavam as relações burguesas da época. Com a introdução do estilo realista, assim como do naturalista, o romance, no Brasil, ganhou um novo alcance: a observação do comportamento dos tipos sociais da época. Começou-se a escrever buscando a verdade, e não mais para ocupar os ócios dos leitores.

Machado de Assis, considerado o maior expoente da literatura brasileira e do Realismo no Brasil, desenvolve em sua ficção uma análise psicológica, universal e sela, portanto, a independência literária do país.

Clássico da literatura brasileira, *Memórias Póstumas* é a obra de maior destaque de Machado de Assis, isso porque é uma obra ousada, a partir da qual tem início o processo de inversão dos ideais românticos ao desmascarar interesses presentes nas relações sociais. Dividida em 160 capítulos, começa com o relato da morte do seu narrador, Brás Cubas, o “defunto autor”.

Machado tinha uma abordagem diferente dos demais escritores da época, pois o seu alvo foi explorar o substantivo homem, que aparece em suas obras, não mais em destaque, mas como complemento das personagens, colocando-o como integrante da sociedade oitocentista. Assim se distanciou do conceito de romantismo em que os primeiros escritores da escola se firmaram, em que eles exploravam o adjetivo do homem brasileiro, colocando o índio em destaque, mas que aparece nas obras maquiado, diferente.

O Realismo é uma reação contra o Romantismo: O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos para condenar o que houve de mau na nossa sociedade.

A narrativa do realismo é o relato de uma situação que acontece na vida das personagens e que pode ocorrer na realidade, portanto, de caráter realista, vem substituindo a estrutura clássica, rígida, pela construção de um texto mais real. A forma como o fato é narrado, como o texto se realiza diante do leitor, também contribui para dizer não a idealização própria do Romantismo.

Os artistas tinham preferência pela temática dos conflitos sociais que surgiam em decorrência da mudança de paradigma em andamento. As obras do realismo preocuparam-se em representar o tempo presente e em tecer críticas às contradições sociais da moralidade burguesa.

Raul Pompeia também se destacou no realismo brasileiro. Sua obra prima *O Ateneu* (1888) tem caráter confessional, memorialista. O romance é narrado em primeira pessoa por Sergio (narrador onisciente), aluno do internato *Ateneu*. Raul Pompeia narra com muita habilidade e um senso estético memoráveis situações vividas pelas personagens no internato, um microcosmo, ou seja, uma representação do que era a vida fora da escola, uma denúncia da hipocrisia da sociedade burguesa da época. A densidade psicológica do romance aliada a um senso naturalista de descrição coloca a obra como um caso à parte na literatura realista.

Em um trecho do romance, Sergio relata uma experiência homo afetiva entre Sergio e um aluno mais velho. A sociedade da época atacou ferozmente o autor, insinuando que ele fosse Sergio. Esses ataques à honra do autor o levaram a cometer suicídio em 25 de dezembro de 1895.

Outro destaque no realismo é Aluísio Azevedo, escreveu seu primeiro romance em 1879 e, a partir de então, produziu intensamente, inúmeras obras nos folhetins da época, intercaladas com escritos mais robustos. Suas temáticas preferidas eram a luta contra os preconceitos raciais, as vicissitudes humanas e a situação do povo pobre e negro. Foi o primeiro escritor brasileiro a viver da profissão, mas, em 1895, abandonou a carreira literária para se dedicar à diplomacia.

De suas obras, destacam-se os romances *O Mulato* (1881), crítica direta à Igreja e ao racismo, *Casa de Pensão* (1883), romance experimental de atmosfera naturalista, e *O Cortiço* (1890), célebre por retratar em seu enredo as distinções de classe da vida urbana carioca, entre os sobrados onde viviam os portugueses e os

cortiços onde viviam os brasileiros pobres, ex-escravos, mestiços, cotidianamente explorados.

Assim, através das obras de Machado de Assis e Aluísio Azevedo se conquista definitivamente a independência literária, pois permite a liberdade, dantes reprimida, de concepção e expressão, alterando totalmente o nosso panorama literário. Deu-se um novo rumo ao romance, pois os escritores começaram a escrever para mostrar a realidade da sociedade e não somente para entretenimento dos leitores.

O estilo machadiano tradicional é o Realismo, no entanto sua vida literária foi caracterizada, inicialmente, pelo Romantismo. A primeira parte de sua carreira foi marcada por poemas, peças teatrais e romances de caráter romântico.

Machado gostava de desvendar os segredos da alma humana, não ficando restrito a peculiaridades locais, mas buscava a natureza do homem, as molas de suas reações. Em seus romances Helena, Iaiá Garcia e Casa Velha ele retrata bem a luta em que o homem enfrenta para se elevar aos parâmetros da sociedade da época, fazendo assim uma alusão a sua mocidade, as dificuldades que enfrentou para se firmar na sociedade, e, por conseguinte um grande escritor.

Há quem defenda que o fato de um mulato se ter tornado um dos maiores, senão o maior dos escritores brasileiros, é altamente significativo para a causa da afirmação da etnia, embora não se encontre em sua obra ficcional uma assunção ideológica nesse sentido. Outros criticam a ausência em seus textos de problemática ou temática negra positivamente dimensionada e vergastam o seu branqueamento, numa atitude tão racista quanto a que discrimina os negros.

Outros mais consideram que a sua crítica mordaz à sociedade brasileira de seu tempo revela um modo de participação que o vincularia a uma certa literatura denúncia. Entende-se que a literatura machadiana é indiferente à problemática do negro e dos descendentes de negro, como ele. Mesmo os dois contos que envolvem escravos, “O caso da vara” e “Pai contra mãe”, não se centralizam na questão étnica, mas no problema do egoísmo humano e da tibieza de caráter. Os demais tipos negros ou mestiços participam como figurantes em histórias que, no nível do conteúdo manifesto ou do realismo de detalhe, constituem reflexo da realidade social que pretendem retratar. O distanciamento se evidencia também no espaço da crônica. São

significativas as passagens do texto datado de 19 de maio de 1888:

Eu pertenço a uma família de profetas après coup, post factum, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar. [...] No golpe do meio (coup de milieu, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me e eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanharas mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

O próprio Machado se considerava um “caramujo” a dissimular sua pele negra perante o leitor branco de seu tempo. É um capoeirista da linguagem, como já afirmou Luiz Costa Lima. Por trás da aparente superficialidade de muitos de seus contos e romances, como *Helena*, está a crítica ao discurso senhorial e os brancos que busca naturalizar esse discurso como verdadeiro.

Machado é precursor da literatura afro-brasileira por diversas razões. Ressalte-se apenas duas, a segunda decorrente da primeira: o ponto de vista afro-identificado, não branco e não racista, apesar de toda a discrição e compostura do “caramujo”, e o fato de matar o senhor de escravos em seus romances, criando um universo ficcional que é alegoria do fim da escravidão e da decadência da classe que dela se beneficiou, ao longo de mais de 300 anos de nossa história.

3 O NEGRO NA VISÃO MACHADIANA

Negro, pobre, gago, epilético, ainda assim, o escritor conseguiu se transformar no nome de maior peso na literatura brasileira, sendo o mais completo e complexo dos artistas. Machado de Assis teve quase tudo contra si, em uma sociedade desigual e cruelmente injusta.

O trajeto para que isso ocorresse, obviamente, não se deu sem muitas dificuldades. Nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, mestiço, de uma família pobre, mal estudou em escolas públicas e nunca frequentou universidade. Os biógrafos notam que, interessado pela boemia e pela corte, lutou para subir socialmente abastecendo-se de superioridade intelectual e da cultura da capital. Para isso, assumiu diversos cargos públicos, passando pelo Ministério da Agricultura, do Comércio e das Obras Públicas, e conseguindo precoce notoriedade em jornais onde publicava suas primeiras poesias e crônicas. Em sua maturidade, reunido a colegas próximos, fundou e foi o primeiro presidente unânime da Academia Brasileira de Letras.

Machado de Assis é incontestavelmente um dos maiores escritores da literatura brasileira. Está citado no livro *Gênio*, de Harold Bloom, renomado crítico da atualidade, entre os cem maiores escritores mundiais. Apesar de todo reconhecimento e homenagens, cento e doze anos depois de sua morte, há ainda quem insista em repetir a leviana afirmativa de Hemérito dos Santos, de que o escritor não se envolveu na causa abolicionista e negou sua origem.

Uma carta publicada no jornal *Gazeta de Notícias* (Rio) em 29 de novembro de 1908, dois meses após o falecimento de Machado de Assis, em que o professor negro Hemetério José dos Santos desqualificava a obra do escritor, apontado erros gramaticais e estilísticos, além de criticar Machado tanto pelo uso raro do tema da escravidão em suas obras, quanto pela omissão na luta abolicionista.

Na carta, Hemetério José dos Santos deprecia o mérito de Machado de Assis como escritor, expõe o que seriam erros primários no trato do idioma e trata de uma questão ainda polêmica: a relação de Machado de Assis com a questão abolicionista. Muito provavelmente, a primeira crítica derivou da segunda. Hemetério era negro, como Machado, e não se conformava com a recusa de Machado em tornar a escravidão um tema frontal em sua obra e com a omissão social do escritor na defesa pública de seus

irmãos negros escravizados. Hemetério reconhece a presença do tema na obra de Machado, embora a considere insuficiente.

A temática da escravidão e do negro está completamente ausente da obra de Machado de Assis em sua primeira fase. Isso não é à toa, e não ocorreu porque era uma temática pouco relevante para o autor: certamente não esquecera de sua infância marcada pela pobreza, de sua descendência de escravos, de sua pele negra que devia ter lhe custado uma boa dose de sofrimento em sua própria vida, a despeito de que tenha conseguido ascender socialmente. Ocorre que, a alguém interessado em galgar degraus de uma posição social humilde rumo à inclusão entre a intelectualidade da classe dominante – ainda mais alguém negro – certamente não era conveniente tocar em um tema tão polêmico antes de firmar seu lugar social.

Em vários gêneros literários, na sua sólida carreira, Machado de Assis abordou, a exemplo do romance, conto, dramaturgia, crônica, aspectos relativos à sociedade brasileira e, em particular, à carioca. Dentre os assuntos abordados pelo escritor, a escravidão é um dos que merecem um estudo mais atento, não apenas por ser uma temática recorrente na obra machadiana, mas também pelo fato de refletir a postura crítica do escritor Realista a respeito do referido sistema.

Com o propósito de oferecer uma contribuição, ainda que pequena, para o estudo da personagem negra, em seu múltiplo processo de construção sócio-histórico-literário, e nele começar a desvelar a face da personagem negra na obra de Machado de Assis, desenvolvemos uma pesquisa, concluída em 1997, que resultou no livro *Imagens, Máscaras e Mitos: o negro na obra de Machado de Assis*.

O século XIX será de fundamental importância para a ampliação da representação do negro na Literatura devido a fatores como a emergência do nacionalismo literário, a gradativa importância do africano para o processo de Abolição, além da pressão de países estrangeiros, como a Inglaterra, para o fim da servidão, e o aparecimento de autores que vão lançar novos olhares para a condição do cativo.

Machado de Assis se destaca, uma vez que adota uma perspectiva distinta, que se caracterizava por representar o negro por meio de atributos negativos, conforme assinala Duarte:

(...) os estereótipos do escravo vingativo e assassino, do feiticeiro deformado física e moralmente ou da mucama pervertida que destrói a família do senhor, estão presentes em *Vítimas e algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo; já a mulata assanhada, que seduz e leva o português à perdição, destaca-se nas páginas de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; e o negro de alma branca, reduzido a cão fiel ao senhor, ajuda a compor a figura do preto Domingos, personagem de José do Patrocínio em *Mota Coqueiro*. Apesar de condenarem explicitamente a escravidão e de se envolverem na campanha abolicionista, que, inclusive, tem em Patrocínio um de seus líderes, tais autores deixam aflorar em seus textos as marcas discursivas oriundas do pensamento racial hegemônico (...).

A visão machadiana vai lançar a perspectiva da opressão sofrida pelos escravos, fato que está presente em obras como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (na relação entre Brás Cubas / Prudêncio), nos contos *O caso da vara*, *Pai contra mãe* e *Mariana*, nos quais se defrontam, respectivamente, os personagens *Lucrecia / Damião*, *Cândido Neves / Arminda* e *Mariana / Coutinho*. As relações entre senhores e seus servos não serão apenas marcadas pelo sofrimento. Há, também, nas obras machadianas, representações de negros que são bastante próximos de seus senhores.

O olhar machadiano levava em conta uma sociedade onde o modelo patriarcal e escravocrata se arraigou tão profundamente no inconsciente coletivo que pensar na possibilidade de mudança, com vistas a um modelo em que a ordem social se estabelecesse de forma menos injusta e opressiva, seria incrível para a época, Machado quebrava tabus e paradigmas pré-estabelecidos numa sociedade de branco que negava as suas origens de negro.

Impossível acreditar na horizontalidade de uma relação entre os indivíduos diante de uma hierarquia tão rigidamente estabelecida. Machado também não pondera e desfere golpes profundos contra o sistema; e se omite o negro enquanto ser social de seu universo ficcional é para melhor denunciar o modelo social vigente. É-nos claros no que não ficou preenchido que conspira sua resistência. Sua conspiração está em não colorir o retrato cuja imagem será sempre em preto e branco.

Relata a degradação da imagem do negro na progressão de sua produção. Não há encanto na obra de Machado neste caso, e ninguém mais do que ele percebeu que, embora em posse da liberdade, o negro não possuiria instrumentos para exercê-la com naturalidade. Diferente de outros personagens, o negro não apresenta máscaras e, em consequências disso, o que depreendemos é a imagem escarnecida e descarnada

pelo ácido tratamento que o autor lhe empresta.

Apesar da vitalidade de sua obra para escancarar a escravidão e o racismo, e das feições afrodescendentes delineadas por sua máscara mortuária, em seu atestado de óbito vai constar que ele era branco.

3.1 O contexto histórico do conto **Pai contra Mãe**

A temática desse conto passa por um assunto praticamente esquecido pelo escritor Machado de Assis ao longo de sua carreira, pelo menos em sua obra ficcional: a escravidão. Em compensação, o cenário urbano, o centro do Rio de Janeiro, e a época, anterior ao final da escravidão, são usuais na obra machadiana.

Apesar de ser um conto narrado em terceira pessoa, apresenta, inicialmente, a forma de uma crônica. O narrador tece comentários sobre profissões e instrumentos que existiram no tempo em que a escravidão vicejava no Brasil, extinta em 1888. "Pai contra mãe", publicado em 1906 em *Relíquias de casa velha*, é um pequeno conto que expressa o impasse em que muitos, se não todos, se veem diante do trágico e da necessidade de escolha. Nesse contexto, Machado de Assis pode ser apresentado como um autor estratégico para pensar algumas questões cruciais do percurso educacional, de uma sabedoria trágica, que fogem do registro normativo.

O conto "Pai contra mãe" de Machado de Assis está inserido na chamada fase realista machadiana, os críticos o colocam na segunda fase (ou fase madura) do autor, escrito cerca de dezoito anos após o fim da escravidão no Brasil. O conto, narrado em terceira pessoa, se passa no Rio de Janeiro, nos tempos do Império. Tem como pano de fundo o cenário escravista dos oitocentos brasileiros. O conto parece uma "homenagem" ácida a essa "maioridade" inconclusa e uma descrição impactante dos traços de sua permanência na atualidade das relações sociais e nos discursos que perfazem nossa subjetividade.

A obra pode ser organizada em três partes. A primeira contendo relatos do autor sobre aspectos presentes nas práticas de escravidão, reforçando o lado grotesco desse sistema. Machado de Assis faz menção ao "ferro ao pescoço", ao "ferro ao pé" e à "máscara de folha de flandres" como aparelhos a que recorriam os proprietários para controlar seus escravos e impedir a fuga. A segunda com a inserção da história do

casal Cândido e Ana e os conflitos sociais vivenciados por eles. A terceira com a retomada dos aspectos da escravidão com ênfase na captura da escrava Arminda e na perda de seu filho.

Logo na abertura do livro, Machado faz uma advertência:

Uma casa tem muitas vezes as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supõe que o dono pense em as arejar e expor para teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá fora... Depende da tua impressão, leitor amigo, como dependerá de ti a absolvição da má escolha.

O texto impressiona por sua angústia e violência. Somos levados, a contragosto, aos traços que se apresentam ao leitor para sua identificação. Antes de narrar a história propriamente dita, o autor introduz uma reflexão crítica sobre alguns mecanismos utilizados nas práticas de escravidão no Brasil.

O conto tem início com uma explanação a respeito de algumas atividades e produtos relacionados ao período da escravidão: aparelhos, hábitos, gestos, costumes e tudo que preservasse a escravidão e a autoridade dos seus senhores. A ordem escravista era mantida pelo grotesco de uma máscara que evitava o alcoolismo do escravo e, conseqüentemente, o hábito de furtar para a compra do álcool; pelos sinais de ferro grosso preso ao pescoço dos escravos fujões que assim eram facilmente identificados; pelos castigos que os escravos recebiam mas que não poderiam ser tão violentos a fim de não prejudicar o bom uso dessas propriedades; e também pela captura de escravos fugidos que insistiam em deixar o cativeiro, particularmente a repressão aos negros fujões.

Quando o narrador para de tecer comentários sobre o tempo passado, típico de um cronista, e começa a narrar a história de Cândido Neves, temos o início da estrutura estabelecida. Os comentários do narrador cedem espaço às personagens, cabendo ao leitor se posicionar sobre os fatos narrados. Nesse conto o narrador não julgará a escravidão, apresentará uma personagem que deve tomar uma decisão diante de uma situação-limite. E, caso o leitor se coloque no lugar da personagem Cândido, saberá que é tão humano e frágil quanto o marido de Clara Neves. A posição do escritor Machado de Assis é claramente contrária à escravidão, mas a narrativa não é explícita nisso, permitindo ao leitor fazer seus julgamentos. Vamos aos fatos.

A história acontece no fim do Segundo Império, aproximadamente após o ano de 1850, conta a história do protagonista, Cândido Neves. Depois de tentar, sucessivamente, os ofícios de tipógrafo, comerciante e entalhador, tornou-se caçador de escravos. A paixão pela moça Clara trouxe o desejo de constituir família e a ansiedade por uma ocupação mais estável e nobre. Clara vivia com uma tia, Mônica, a quem auxiliava na profissão de costureira, e que era contrária à união, pela falta de recursos do casal. Cândido Neves casa-se com Clara que engravida, mas, por conta da escassez de escravos fugitivos, enfrentam dificuldade financeira. Sem saída, Cândido decide levar o filho à roda dos enjeitados para que o bebê não morresse de fome, mas, pelo caminho, encontra uma escrava fugitiva e a persegue após entregar o filho a um farmacêutico. Cândido logra capturá-la, mas ela súplica liberdade, afirmando que está grávida e não quer um filho escravo. O caçador ignora e entrega a escrava a seu dono. A mulher aborta a criança que esperava, enquanto Cândido recebe dinheiro pela caça e retorna com melhores meios pelos quais sustentar seu filho e esposa. Aí está a luta do pai contra a mãe. Temos aqui o impasse em que Cândido está metido, se salva seu filho ou salva o filho da escrava. O que Cândido escolheu? Foi fácil para ele tomar a decisão? E depois da decisão tomada, como ele lida com ela?

A ligação da história desse casal com a da escravidão e suas permanências é definida de forma simples e direta pelo autor: “Cândido Neves, – em família, Candinho, – é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugitivos.” Essa concorrência é utilizada pelo autor para justificar a falta de sucesso de Cândido durante um longo período.

“Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugitivos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido das Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor.”

O personagem vivia o exemplo do homem branco com experiência do trabalho livre apesar das dificuldades. As suas dificuldades em conseguir maiores remunerações com esse ofício foram reforçadas pelo autor com a proximidade do nascimento da criança, o autor deu à tia Mônica o papel de voz da consciência das

personagens de Cândido e Clara. Na sua fala também é possível ver o esforço do autor em retratar a condição de miséria na qual viva os protagonistas dessa trama:

“– titia não fala por mal, Candinho... – Por mal? Replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem-criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...”

Demonstra a incerteza do futuro, que estava para chegar, e o do próprio casal que durante aquele momento não sabia se teria um futuro diferente daquele seu presente.

A fim de contar a história dessas quatro pessoas, e das crianças, Machado utiliza o ambiente da sociedade escravista daquele período, segunda metade do século XIX. É uma sociedade que vive a escravidão no seu dia a dia, principalmente com a violência intrínseca a ela.

Machado de Assis ao retratar a luta do pai, branco, com uma mãe, negra e escrava, traçou um paralelo nas condições de miséria e pobreza existentes durante a escravidão e que permaneceriam após o seu fim. Ao escrever 50 anos depois, o autor discutiu a situação do trabalho no Brasil após o fim da escravidão, assim como as situações precárias da vida de uma parte da sociedade que não se inseria nem no quadro dos proprietários e nem no de escravos. Cândido, Clara e Tia Mônica compõem esse quadro. Mais que isso, ao iniciar o seu texto mostrando os ofícios e os aparelhos que a escravidão levava, o autor também mostra o quê a abolição não deu cabo: da miséria e das diferenças sociais. Apenas encerrou o uso de alguns aparelhos tão fortemente retratados no início do conto.

Ao colocar essa história na abertura do seu último livro de contos, Relíquias de Casa Velha, Machado de Assis retoma o tema da escravidão no início do século XX mesmo já tendo sido encerrada em 1888. Se os textos que compõem o livro são relíquias de uma vida, conforme cita na advertência do livro, a história do conto “Pai contra Mãe” pode ser considerada como relíquia de um tempo da escravidão em que a miséria, a pobreza e as diferenças sociais permaneceram presentes como herança no

tempo da escrita do conto: os primeiros anos da República.

3.2 A escravidão e os instrumentos de tortura no conto Pai contra Mãe

Machado de Assis viveu na própria pele os problemas gerados pela escravidão no Brasil, era filho de negro, cujos pais eram forros, e mãe branca. O escritor era mulato e, por conta disso, enfrentou alguns preconceitos ao longo de sua vida. Mas a qualidade de sua arte e a força de sua personalidade foram suficientes para vencer todos os obstáculos.

Machado escreve e publica, em 1906, 18 anos depois da abolição, em Relíquias da casa velha. “Pai contra mãe”, o último livro de contos de Machado de Assis. Essa circunstância de publicação ajuda a entender a perspectiva do conto, a recuperação de relíquias (as memórias) da casa velha (do Brasil imperial e escravocrata).

Logo no início do conto, o narrador volta-se para o passado, para revelar instituições já extintas. Observemos:

“A máscara de folha-de-flandes fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidades certas. Era grotesca a tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel”

O trecho que aqui decalcamos nos serve para tecer um comentário relevante e entender o olhar machadiano sobre o assunto. O narrador está analisando um objeto que fora comum no passado, usado por vários senhores de escravos com o fim nobre de extinguir “dois pecados”, conforme ele nos diz. O narrador comenta a utilidade e o uso dessa máscara sem passionalismos ou sentimentalidades. Quando julga grotesca a máscara e, ao mesmo tempo, comenta sua importância para a manutenção da “ordem

social e humana”, seu olhar mostra a importância desse instrumento para a estrutura de poder da época. Ao mexer nessa gigantesca ferida de nossa sociedade, não se pode esquecer do quão grotesco foram os instrumentos e as profissões envolvidas na escravidão.

A ordem social e humana, como o narrador fala, foi mantida com máscaras e cadeados, mas também com cordas e força física, as principais armas utilizadas na única profissão em que Cândido Neves, o protagonista de “Pai contra Mãe”, conseguia ser produtivo. Pegar negros fujões era um ofício irregular, mas “era um ofício do tempo”.

Machado de Assis descreve:

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. [...]. Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. [...]. Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. [...]. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante para pôr ordem à desordem (grifo meu).

As citações acima dão conta dos cinco primeiros parágrafos, em que não se apresenta um personagem ou o início de uma história, mas uma tese do narrador: o fim da escravidão acabou com ofícios e aparelhos a ela ligados. Mostra dois aparelhos que foram extintos, a argola do pescoço e a máscara de folha-de-flandres. Aparentemente há posição objetiva do narrador, pois não opina sobre a escravidão ou seu fim.

Através do conto Pai contra Mãe, o autor mostra a miséria humana e a escravidão, relata a forma como os escravos eram tratados, aparelhagem que eram usados nos escravos para aprisioná-los ainda mais em suas vidas de miséria.

Machado mostra diferentes métodos usados pelos senhores de escravos para “educá-los” de seus “vícios” e explicita a dura realidade enfrentada pelos escravos que tentavam fugir de seus locais de trabalho forçado. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se

alcança sem o grotesco, e algumas vezes o cruel.

Logo, Machado faz vários relatos:

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pego.

Uma das marcas indelévels que o sistema escravista, diz respeito às agressões, Machado relata nesse trecho o sistema grotesco que os escravos eram submissos e principalmente os que não contentem com sua situação preferiam tentavam fugir.

Machado de Assis também destaca a frequência da fuga de escravos como fenômeno presente na segunda metade do oitocentos. O autor aponta que estes buscavam escapar dos maus tratos físicos e morais recebidos: “Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada”. Nesses termos, o autor relaciona a fuga dos escravos a um ofício específico daquele tempo: o de capturador de escravos fujões.

3.3 A representatividade do negro no conto machadiano Pai contra Mãe

Em "Pai contra mãe", Machado de Assis registra a barbárie da escravidão e a luta pela sobrevivência no Brasil do Império. Além disso, mostra a relação social das três classes de população que constituíam o Brasil da época: o latifundiário (senhor); o homem "livre", mas pobre; e o escravo.

Devido a maus tratos, os escravos tinham uma estimativa de vida curta, tais maus tratos eram a falta de higiene, alimentação de péssima qualidade, trabalho de sol a sol sem descanso e eram constantemente castigados fisicamente com açoites, segundo mostra Roberto Schwarz (2000 p. 14). “Fundada na violência e na disciplina militar, a produção escravista dependia da autoridade, mais que da eficácia”. Muitos escravos se rebelavam e conseguiam fugir, formando nas florestas quilombos e assim podiam praticar sua cultura africana, mas os senhores de engenho tinham seus

“homens do mato” que na maioria das vezes capturavam esses fugitivos.

Ao retratar Cândido Neves como caçador de escravizados fugidos e integrante de uma terceira classe social nem proprietário nem proletário, composta por homens livres e pobres, Machado expõe como a liberdade aos escravizados sem uma reintegração dos mesmos continuou perpetuando a lógica escravista.

No conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, o autor nos mostra de forma impessoal e irônica, a imagem do negro criada pelos brancos da época, despertando dessa forma no leitor mais atento, um interesse quase que unânime em analisá-lo, uma vez que, sua temática e suas personagens revelam comportamentos humanos e desumanos que tendem a deixar o leitor perplexo diante de situações criadas pelo escritor.

Constamos que o negro, infelizmente, como nos mostra estudos históricos de nosso país, nunca foi bem representado, não havia valorização de suas origens, culturas, etc. Faltava-se um olhar mais humano e respeitoso a esse ser, que o garantisse igualdade perante qualquer outro, independentemente de qualquer coisa, principalmente de sua cor. Percebemos nesse gênero, uma narrativa curta e simples, que disponibilizara no leitor mais assoberbado, tempo suficiente para apreciá-lo. Apresentado em terceira pessoa, “Pai contra mãe” retrata o negro e sua condição inumana, ou seja, seu enredo revela que este não era visto como ser humano.

Machado de Assis, ao escrever esse conto, mostra-se um homem consciente de seu papel como escritor. Mas não só de um escritor que registra seu tempo, que observa atentamente as mudanças e alterações que sua sociedade sofre. Vemos em seus textos, ainda que sutilmente, algumas das experiências do funcionário público que era. A transformação urbana por que passou o Rio de Janeiro no tempo em que Machado escreve esse conto não é comentada nesse conto, mas é aludido o período anterior a essas reformas. Transitando entre o tempo em que vive e o período que registra, Machado constrói, melhor reconstrói um tempo, um período impregnado do seu olhar privilegiado e perspicaz, típico de quem conheceu empírica e teoricamente cada beco e rua desse Rio de Janeiro que se foi e por ele é registrado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado trouxe a discussão do narrador do conto “Pai contra mãe”, evidenciando a importância da força humanizada da literatura para a sociedade atual e como se dá a figuração da vida social brasileira pela literatura. Neste estudo fica evidente a força que a literatura possui para a humanização do sujeito e que não tem como separarmos a vida social da literatura, pois ambas se configuram na arte, que, como tal, é feita para servir inteiramente ao homem.

No conto “Pai contra mãe”, Machado representa a sociedade escravocrata através do conflito entre crônica histórica e conto, que não é só da obra, mas é também social, pois não haveria como escrever a obra de outra forma diante dos conflitos que a sociedade pós abolição da escravidão estava vivendo.

Como escritor atento ao seu país e ao seu tempo, Machado apresenta as contradições da escravidão, porém não era otimista, pois parecia reconhecer que as feridas deixadas pelo sistema escravocrata eram intensas demais para serem superadas por uma lei. Era preciso humanizar a sociedade e isso não é uma tarefa fácil, já que para haver a transformação é necessário passar por um processo que na maioria das vezes é doloroso.

A obra machadiana não explica nem releva a escravidão, porém questiona e problematiza tal processo, articulando-o à vida econômica do país. Ao analisarmos o conto “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis, constatamos a atualidade e permanência dessa temática, uma vez que, trata da representação do negro dentro de uma obra, que mostrara um período histórico-cultural vergonhoso, deixando mazelas que permeiam, até hoje, no pensamento acrítico de pessoas com aversão a negro.

O negro ainda é visto com muito preconceito e tratado com indiferença, a leitura da obra pode provocar no leitor uma nova concepção de conceitos de igualdade e respeito sobre as pessoas, sem alusões a cor, o que demonstra a contemporaneidade ao tratar da representação do negro nos dias hoje.

Ao observar os personagens “Pai contra mãe” permitiu constatar que Machado de Assis mergulha fundo na alma humana, desvendando seus conflitos e evidenciando suas atitudes frente a situações limites, na maioria das vezes revelando seu caráter e seus interesses, por mais abomináveis que pareçam, já que seus

personagens, em especial, Cândido Neves é como muita gente que não mede esforços para conseguir o que deseja.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. **Angústia, revolta, agressão e denúncia: a poesia negra de Oswaldo de Camargo e Cuti**. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos – estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 156-167.

ALVES, Miriam. **Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado**. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza PUC Minas, 2002.

CADERNOS NEGROS. **Os melhores contos**. Org. Quilombhoje. São Paulo, Quilombhoje, 1998

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2ªed. rev., São Paulo, Martins, 1964.

_____. *Literatura como forma de resistência*. Comunicação apresentada no Perfil de Literatura negra. Mostra Internacional de São Paulo. São Paulo, 1985. AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo, Ática, 1974.

_____. *O mulato*. São Paulo, Martins, 1974.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo (antologia)**. 2.ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Pallas / Crisálida, 2007, p. 252.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. (1997) **Pai contra Mãe**. In:____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

_____. *Dom Casmurro*. In:_____. *Obra completa, em quatro volumes: volume 1*. Organização Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 929-1.072.

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 25ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

SAYERS, Raymond S. *O negro na literatura brasileira*. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958, p.63-4; 393-4; 397-8; 399.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 2 eds., São Paulo: Duas Cidades, 2000.